



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-PORTUGUÊS

JOSÉ GUERREIRO DE LIMA NETO

**A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DOS GÊNEROS NARRATIVOS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL -6º ANO**

Abaetetuba-Pa

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-PORTUGUÊS

JOSÉ GUERREIRO DE LIMA NETO

**A PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DOS GÊNEROS NARRATIVOS
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL -6º ANO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Pará-UFPA do Curso de Letras -Português como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Letras.

Orientador (a): Prof^o. José Rinaldo Vasconcelos Lobato

Abaetetuba-Pa

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

L732p Lima Neto, Jose Guerreiro de.
A prática de leitura e escrita através dos gêneros narrativos nas
aulas de língua portuguesa do ensino fundamental-6º ano / Jose
Guerreiro de Lima Neto. — 2022.
28 f.

Orientador(a): Prof. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.

1. Gêneros narrativos. 2. Leitura e Escrita. 3. Língua
portuguesa. I. Título.

CDD 469

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	9
1.1 Contexto da Alfabetização	11
1.2 Alfabetização e Letramento na formação do leitor.	16
2 LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DA BNCC	17
3 BREVE RELATO SOBRE GÊNEROS E OS SUBGÊNEROS NARRATIVOS	20
3.1 Trabalhando os gêneros narrativos	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

RESUMO

Este trabalho com o tema: A prática de leitura e escrita através dos gêneros narrativos nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental -6º ano, tem por finalidade mostrar a relevância dos gêneros narrativos para o ensino de leitura e escrita nas aulas de Português, fato que conduziu a fazer a seguinte interrogativa: Quais as contribuições que os textos narrativos trazem para a aprendizagem do aluno no ler e escrever. Ao exigir algo do aluno para que ele realize determinadas tarefas não se deve dar importância apenas para a escrita, fazendo com que o aluno escreva sem sentido e sim aprenda a construir um texto conforme as regras da gramática, pois a escrita é apenas um degrau no processo para o planejamento de um texto e é nesse sentido que os gêneros narrativos contribuirão para esta ação. Para o desenvolvimento do trabalho realizou-se a metodologia da pesquisa qualitativa, por possibilitar projeções mais claras e que se inter-relacionam com o tema em análise. E como ferramenta de produção de dados se deram por meio da análise documental e pesquisa bibliográfica. E para fundamentar com os dados e questões discutidas optou-se pelos estudos dos seguintes autores: Antunes (2009), Cagliari (2003), Fazenda (2001), Marcuschi (2005), Soares (2009), Rezende e Souza (2018). Analisando as referências dos autores, concluiu-se que a inserção dos gêneros narrativos nas aulas de Língua Portuguesa, contribui para a aprendizagem da leitura e escrita de alunos do 6º ano, pois permite que ele aprenda o processo linguístico de maneira a relacionar com as práticas sociais e assim possibilitando a construção do processo de ensino-aprendizagem com ênfase na leitura e escrita.

Palavras-Chave: Gêneros narrativos; Leitura e Escrita; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This work with the theme: The practice of reading and writing through narrative genres in Portuguese language classes of elementary school -6th grade, aims to show the relevance of narrative genres for teaching reading and writing in Portuguese classes, a fact which led to the following question: What are the contributions that narrative texts bring to student learning in reading and writing. When demanding something from the student so that he can perform certain tasks, importance should not be given only to writing, making the student write meaningless, but rather learn to construct a text according to the rules of grammar, because writing is just a step in the process for the planning of a text and it is in this sense that the narrative genres will contribute to this action. For the development of the work, the methodology of qualitative research was carried out, as it allows for clearer projections that are interrelated with the topic under analysis. And as a data production tool, they took place through document analysis and bibliographic research. And to support the data and issues discussed, the studies of the following authors were chosen: Antunes (2009), Cagliari (2003), Fazenda (2001), Marcuschi (2005), Soares (2009), Rezende and Souza (2018). Analyzing the authors' references, it was concluded that the insertion of narrative genres in Portuguese language classes contributes to the learning of reading and writing of 6th grade students, as it allows them to learn the linguistic process in a way that relates to social and thus enabling the construction of the teaching-learning process with emphasis on reading and writing.

Keyword: Narrative Genres; Reading and writing; Portuguese language.

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental é um desafio para os professores que se deparam com alunos que ainda necessitam construir seus conhecimentos acerca da gramática e construção textuais nas aulas de Língua Portuguesa, entretanto, para seguir o percurso de aprendizado, o professor deve se valer de metodologia que faça com que o aluno se interesse pelas atividades e construa o processo de aprendizagem conforme a etapa de ensino equivalente ao 6º ano e assim estruturar o conhecimento para os anos letivos posteriores, e é nesse cenário que se busca compreender a importância dos gêneros narrativos nas aulas de Língua Portuguesa.

O presente trabalho com o tema: os gêneros narrativos como prática de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental -6º ano, tem por objetivo de mostrar a relevância dos gêneros narrativos para o ensino de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, com a finalidade de auxiliar o professor no processo de aprendizagem voltada para as variações de produções textuais e construção do conhecimento relacionado a gramática, determinando o uso considerado correto da língua escrita e falada.

A pesquisa é pertinente pois, possibilita entender os desafios que alunos encontram durante o início do ensino fundamental II, em que a base para a construção da produção textual se confunde no meio de regras, comprometendo o ensino voltado para a leitura e escrita.

Utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica, onde foram selecionados alguns materiais como: artigos, periódicos, revistas entre outros, que já foram produzidos sobre o tema. Sendo assim os autores Toledo e Gonzaga (2011, p.25) diz que:

Antes de iniciar qualquer projeto de pesquisa é necessário fazer um levantamento bibliográfico inicial para reunir as principais obras disponíveis sobre o tema da pesquisa. Não é ainda uma bibliografia definitiva, pois poderá ser ampliada ou revista à medida que os dados são coletados e os materiais são analisados.

E para um melhor suporte nos caminhos percorridos foi utilizado também a abordagem da pesquisa qualitativa que ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. E de acordo com Creswell (2010, p.43) definir a abordagem qualitativa como sendo “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social humano”... Tal

significação pode ser “lida” como entendimento do contexto em que as pesquisas qualitativas ocorrem.

As contribuições dos gêneros narrativos apresentam como principais características a narração de eventos que compõem uma história, dos quais os textos podem ser identificados por meio da escrita ou da oralidade, podendo ser utilizado pelo professor de Língua Portuguesa como auxílio no processo de leitura e escrita de alunos do 6º ano do ensino fundamental, possibilitando aprendizagem voltada para a prática da escrita, o aluno ao produzir um texto através da produção textual, desenvolverá também a leitura e para ser chegar ao objetivo principal da pesquisa, percorre-se o caminho de descrever os tipos de gêneros narrativos que podem ser introduzidos nas atividades envolvendo a prática da leitura escrita, possibilitar através do uso prático dos gêneros narrativos, metodologias mais dinâmicas nas aulas de Língua Portuguesa e incentivar o hábito da leitura através do auxílio que o gênero narrativo proporciona.

Mas para isso, se faz necessário compreendermos o significado da palavra gênero em seus vários aspectos, na percepção da biologia a palavra gênero se caracteriza por: grupo de seres vivos que reúne espécies vizinhas, aparentadas, afins, por apresentarem entre si semelhanças constantes; família, raça e na diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais. Na ótica da gramática a palavra gênero se baseia na diferenciação entre masculino, feminino e neutro. Apresentando em sua expressão sintetiza-se por: Gênero literário: que é a variedade da obra literária, classificada de acordo o assunto, o modo de o tratar, o estilo, a estrutura e as características formais da composição: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático e no gênero humano. Designação da espécie humana, do homem.

As atividades pedagógicas na área da escrita e leitura que contribua para o avanço da aprendizagem dos alunos são inúmeros, mas saber identificar quais metodologias que irá incentivá-los a gostar de ler e escrever não é uma tarefa fácil e cabe ao professor ser o mediador entre o educando e o conhecimento. Ao exigir algo do aluno para que ele realize determinadas tarefas não se deve dar importância apenas para a escrita fazendo com que o aluno escreva sem sentido e sim aprenda a escrever um texto conforme as regras, pois a escrita é uma construção no processo de planejamento de um texto e é nesse sentido que os gêneros narrativos que são textos que contam uma história, contribuirão para este processo.

Para a construção do trabalho iniciou-se um levantamento bibliográfico, para a seleção de materiais publicados em que autores falassem sobre a contribuição dos gêneros narrativos como prática de ensino de leitura e escrita na disciplina de Língua Portuguesa, após a seleção realizar-se-á leitura de revista, artigos e periódicos para que assim fosse possível compreender e debater alguns autores que abordam sobre a temática e sendo assim uma forma de referenciar o trabalho utilizando-se como subsidio teórico as análises de alguns autores, portanto, o trabalho discorreu sobre a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo.

E é nessa perspectiva que o trabalho se divide em tópicos, onde no tópico I: O desenvolvimento da leitura e escrita no contexto educacional, trata dos métodos utilizados pelos professores como forma de estimular o aluno a ler e escrever e os conceitos de leitura e escrita na literatura.

No tópico II: Língua Portuguesa na perspectiva da BNCC, aborda sobre a estrutura da BNCC voltada para as aulas das disciplinas de Português e as normatizações voltadas para o desenvolvimento da leitura e escrita.

No tópico III: breve relato sobre gêneros e a classificação dos textos, gênero narrativo trata dos conceitos de gêneros e sua classificação e da aplicabilidade nas aulas de Língua Portuguesa.

Concluindo com as considerações finais, sendo utilizado para referenciar o trabalho os autores: Antunes (2009), Cagliari (2003), Marcuschi (2005), Fazenda (2001), Soares (2009) e Rezende e Souza (2018).

1. O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Para desenvolver e fortalecer o hábito pela leitura e escrita o professor deve buscar metodologia eficaz de tornar este estímulo rotineiro para que os alunos possam desenvolver o costume pela leitura e assim construir o seu processo de aprendizagem de maneira mais prazerosa através da utilização do gênero textual. Segundo Krug (2015, p. 3):

A leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação, por envolver-se muito mais do que apenas aspectos de decodificação do escrito. Ela proporciona ao leitor, o contato com o seu significado, seguindo seu conhecimento de mundo, possibilitando assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificadamente, ao interagir com o texto.

O professor em sala de aula sempre busca trabalhar de maneira que envolva leitura e escrita independentemente da disciplina que ele leciona, apesar de um professor de matemática trabalhar com conteúdo envolvendo cálculos e raciocínio lógico, a leitura e interpretação nas atividades são fundamentais, logo os gêneros textuais podem ser inseridos também como metodologia dessa disciplina. De acordo com Marcuschi (2010, p.23-24):

[Gêneros textuais são] textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo, composição e característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística. Aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Ao relacionar os conteúdos a interdisciplinaridade o aluno desenvolverá habilidades no processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita pois, a instituição escola forma cidadãos leitores com capacidade de decifrar e fazer uso da língua, com a percepção correta de seu significado; ou seja, trata-se de uma definição possível para o conceito de Letramento que é, o que a escola visa na formação de seus alunos. Segundo Fazenda (2001, p. 49) “Por atitude interdisciplinar entendo algo que não pode ser apenas explicado, porém, vivido, que não pode ser apenas analisado, porém, sentido que não pode ser apenas refletido, porém intuído”. É importante que o professor trabalhe em sala de aula atividades capazes de fazer

com que o aluno desenvolva suas competências voltadas para leitura e escrita. De acordo com Antunes (2009, p.195):

[...] ler é uma forma de saber o que se passa, o que se pensa, o que se diz; é uma forma de ficar inteirado acerca do que vai pelo mundo, acerca do que vai povoando a cabeça e o coração dos pensadores, dos formadores de opinião, dos cientistas, dos poetas; é uma forma de saber acerca das descobertas que foram feitas ou das hipóteses que estão sendo testadas, ou dos planos e projetos em andamento.

Ao lermos um texto produzido pelo aluno não devemos ler com um olhar crítico e sim com um olhar analítico, mas sem apontar o certo de uma escrita e sim o adequado, porque às vezes o aluno não compreende as regras gramaticais impostas a ele, levando a nos questionar, se a prática ao ensinar língua portuguesa está adequada e necessário que o professor sempre realize um comentário para saber se os alunos estão aprendendo.

Devemos ter clareza ao exigir algo do aluno o que realmente queremos que ele faça e para que, ele tem que fazer determinadas tarefas, não devemos apenas valorizar a escrita fazendo com que o aluno escreva sem sentido e sim escrever um texto onde o professor terá prazer em ler o que foi escrito por ele. A escrita é uma construção no processo de elaboração de um texto, mas como trabalhar a revisão da escrita e leitura. Sabemos que não é comum em sala de aula fazer com que o aluno seja leitor de seu próprio texto fazendo com que ele faça uma reescrita de tudo aquilo que ele produziu, que na maioria das vezes é sempre o professor analisador desses textos como parte que compõem o processo avaliativo do desenvolvimento da leitura e escrita do aluno.

Após o processo de desenvolvimento da leitura é importante que o aluno com o professor analise produções textuais e passem a realizar reescrita de algo que foi produzido algum tempo atrás, levando o educando a construir o hábito de reler o que produz, formando com esse método, leitores críticos e capazes de questionar e opinar sobre qualquer assunto. É preciso não só seguir as grades curriculares fundamentais voltadas para as gramáticas, regras ortografias e sim consolidar a base essencial que constitui a educação para todos que é: saber ler e escrever o mínimo na formação escolar. É nesse sentido que Cagliari (2003, p. 312) nos fala:

Ler é decifrar e buscar informações. Já se sabe que o segredo da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é, na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é em decorrência desse conhecimento e não o inverso. Na prática, da vivência escolar, parte-se sempre do pressuposto de que o aluno já sabe decifrar a escrita, por isso o termo “leitura” adquire outro sentido. Trata-se, então, da leitura para conhecer um texto escrito. Na alfabetização, a leitura como decifração é o objeto maior a ser atingido.

Trabalhar com a leitura e escrita é de fundamental importância para que o aluno desenvolva seu conhecimento também em outras áreas, então escolher metodologias que atenda as especificidades de cada discente em sala de aula não é uma tarefa fácil, mas que se faz necessário para que o aluno construa seu conhecimento. Segundo Cagliari (1998, p. 188) “os alunos vão aprendendo que precisam cuidar não só da ortografia, da clareza e da beleza gráfica das letras, mas também da maneira como as palavras são colocadas no papel, dos sinais de pontuação e das demais marcas da escrita”. Conforme o parágrafo citado pelo autor é importante que o professor ao trabalhar em sala de aula, metodologias envolvendo a escrita, construa com o seu aluno o conhecimento em relação ao letramento, para que o mesmo não apresente dificuldades quando produzir um texto e, ao mesmo tempo, possa identificar sua classificação, finalidade conforme a função na comunicação.

1.1. Contexto da Alfabetização

O processo de alfabetização está relacionado a decodificação de elementos que compõem a escrita, passando pela memorização do alfabeto, o reconhecimento de letras e junção de sílabas, mas vale enfatizar que um aluno alfabetizado não é um aluno capaz de usar as variedades de materiais escritos, entretanto, é muito importante que o professor do 6º ano realize ações pedagógicas capazes de identificar, em que fase de desenvolvimento o seu aluno se encontra. Segundo Carvalho (2009, p.66):

[...] a diferença está na extensão e na qualidade do domínio da leitura e da escrita. Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social. Pessoas alfabetizadas podem, eventualmente, ter pouca ou nenhuma familiaridade com a escrita dos jornais, livros, revistas [...] Letrado, no sentido em que estamos usando esse termo, é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedade, para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais.

A alfabetização codifica e decodifica os signos linguísticos que trabalha a decodificação do alfabeto, das letras das palavras muito utilizadas no processo inicial da aprendizagem dos alunos, quando o professor faz uma sondagem no início do ano letivo para saber o nível de escrita e de leitura que seu aluno se encontra dando sequência ao plano de aula, voltado pela sondagem realizada, pois, cada discente tem seu momento específico de aprender muitos vão se destacar num determinado tipo de ensino da leitura e escrita, outros de

maneiras distintas trabalharam o tipo de leitura que facilite o processo de ler e escrever do aluno. Segundo Bakhtin (2003, p.285):

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Alguns alunos podem se destacar pelo gosto a literatura, assuntos à poesia, as revistas em quadrinhos, então vários são os métodos de se trabalhar a leitura, basta apenas o professor identificar o que mais chama atenção do aluno em sala de aula. De acordo com Britto (2006, p. 84) ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de suas experiências, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos.

O professor precisa desenvolver suas atividades pedagógicas relacionando a leitura com a escrita, pois, ao trabalhar um texto não há como deixar de desenvolver a escrita abordando a gramática relacionada ao que está sendo lido em sala de aula, portanto, a leitura e a escrita, trabalhadas juntas o sucesso do desenvolvimento da aprendizagem do aluno terá mais resultados sendo que a habilidade de escrever deve estar relacionada à habilidade de ler. Segundo na concepção de Ferreiro (1995, p. 42):

A leitura e a escrita têm sido tradicionalmente consideradas objeto de uma instrução sistemática, como algo que deva ser ensinado e “cuja aprendizagem” suporia o exercício de uma série de habilidades específicas”. A escrita não é um produto escolar, mais, sim, um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade e sendo um objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções culturais. Ou seja, a produção da escrita começa antes da escolarização.

Quando você faz da leitura um hábito as dificuldades que os alunos apresentaram serão gradualmente superadas, a escola precisa montar espaços estratégicos onde possam ser realizadas as leituras e que o ambiente deste lugar também contribua para a formação do aluno leitor. A importância de se ter um ambiente para ensinar a ler e dar condições para o aluno resolver problemas que lhe permitam avançar como leitor e desenvolver sua escrita, desenvolver o processo de aprendizagem, geralmente até o próprio cantinho da leitura, criado em muitas salas de aula a fim de mediar o contato do aluno com os livros são estratégias válidas para a sua formação. Segundo Barbosa (1992, p. 88, 89) afirma que:

[...] ler não é mais decodificar e o leitor não é mais o alfabetizado. Maior necessidade e maior oportunidade de acesso às informações através do texto escrito promoveram uma mutação no processo de leitura. Daí configurar-se hoje uma crise da escola: juntamente com as conquistas das classes populares, que almejavam e conquistaram o direito à educação, provocando a chamada mudança de da escola

pública, outro fator interveio, questionando as premissas da concepção de aprendizagem da leitura: era preciso formar leitores eficazes.

Aquele mecanismo secularmente adotado pela escola para possibilitar a todas as condições mínimas de acesso ao material escrito revelou-se insuficiente diante da multiplicidade de situações que implicam o uso da escrita. Cada vez mais, a escrita se colocou como obstáculo à participação efetiva do cidadão do mundo social, demonstrando, no cotidiano, a utilidade de saber ler (BARBOSA, 2013, p. 111).

Trabalhar a leitura e escrita em sala de aula requer tempo e ainda mais quando trabalhamos com a reescrita de texto dos alunos que não tem o hábito de ler o que ele mesmo produz por falta de incentivo por parte do professor que não mostra ao aluno a necessidade da leitura de sua redação onde o mesmo poderá fazer modificações, não de ortografia, mas querer acrescentar algo importante, mas não é fazer com que o aluno escreva páginas e páginas, e sim torná-lo leitor de seu próprio texto, enfatizando que a reescrita não é um conserto do que foi escrito na primeira vez e sim é enriquecer ainda mais tornando o texto algo agradável de ler. De acordo com o Brasil (2018, p136):

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o adolescente/ jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo. [...]. No componente de Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências.

Uma das competências do professor está em ser um mediador entre o texto e o leitor, pois, trabalhar em sala de aula com leitura requer estratégias de como se chegar a um resultado esperado que é a socialização de um texto onde todos consigam preencher o vazio que existe entre o autor e o leitor, sendo importante que inserções de atividades que sejam de conhecimento do aluno possam ser trabalhadas de forma mais dinâmica contribuindo para a aprendizagem.

O professor deve ter cuidado na escolha de um texto ao desenvolvê-lo dentro do ambiente de sala de aula, para que o leitor não seja apenas um ouvinte desatento e sim uma das peças que contribuam para o entendimento do que está sendo lido em sala de aula, mediante a socialização da leitura que permite levar o aluno ao diálogo, nos relatos de suas experiências e no entendimento do outro porque pode ser que quando o aluno faz uma leitura de um determinado texto ele pode compreender de forma diferente do seu colega e quando se faz essa leitura em grupo se percebe que haverá uma cachoeira de interpretação e ideias a

serem socializadas e o papel do professor é fazer com que esse vazio que existe entre o texto e o leitor seja preenchido enriquecendo ainda mais o vínculo de escrever e ler.

E através do uso dos gêneros no ambiente escolar, o professor terá bastante diversidade de proposta para trabalhar em sala de aula. De acordo com Koch (2014, p. 74):

Possibilitar ao aluno o domínio do gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola ou fora dela; para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Para realizar tais objetivos, torna-se necessária uma transformação, ao menos parcial, do gênero: simplificado, ênfase em determinadas dimensões, etc.

A leitura na escola deveria ser algo tão comum como é a escrita, se dá muita atenção ao grafema como se a leitura não fizesse parte do processo de alfabetização, devemos romper a ideia de que o aluno alfabetizado é o que sabe escrever bem, do que adianta saber escrever se não é ensinado o som que essas letras produzem. A leitura leva o aluno há vários mundos que ele não conhece, possibilitando a ele a compreensão dele através dos livros das palavras encontradas em todo lugar, lembrando que não basta ensinar o aluno a ler apenas livros onde este, passa a ser apenas um produto de mercado sem ter o seu principal objetivo que é ensinar a leitura. Segundo Rezende e Souza (2018, p.144):

A escrita de narrativas é atividade tradicional nos cursos de Língua Portuguesa tanto quanto o estudo da gramática, desde as séries iniciais do ensino fundamental da educação básica no Brasil. A história dessa dupla presença pode ser explicada pela força residual da herança advinda, originalmente, do sistema de educação medieval, responsável por fixar entre os conhecimentos prioritários, a retórica e, com maior importância, a gramática — vista como condição para ler e escrever.

Em nossa sociedade há várias maneiras de despertar o aluno a ler, e um dos exemplos que pode ser citado é a leitura pelas fotografias de jornais, revistas, gibis, etc., fato da nossa realidade na educação de nossas crianças que na maioria das vezes conhecem a letra e reproduzem histórias através das figuras do livro sem ter noção de que há algo muito maior por trás das letras. É importante que o professor ao realizar suas atividades em sala de aula, em seu planejamento valorize as produções de escrita e leitura, pois, o que se identifica bastante no cenário educacional um aumento em atividades impressas, onde o aluno apenas resolve o que está sendo solicitado.

O professor como formador precisa de um plano de aula diversificado para motivar seus alunos a ler, como: fazer dinâmica, usar revistinha em quadrinho, pedir para os alunos contarem o que está acontecendo isso seria uma das maneiras que se tem para tornar as aulas bem mais interessantes para que os alunos não ficassem só fazendo cópias e lendo os textos

do livro oferecido na escola, levar o aluno para a biblioteca e fazer uma aula diferente, com esses métodos ajudariam os alunos a aprenderem de forma mais divertida e a aula ficaria, mas, interessante.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, nº 9.394 de 20/12/96 – nova LDB, o Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante: “O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (Art. 32, I).

O que se presencia no ambiente escolar, durante o processo de ensino aprendizagem de sala de aula e que o professor não reflete ou ao menos questiona se o aluno está aprendendo e como consequência dessa prática a escola vai empurrando o aluno para as séries seguintes, pois, aquele aluno que não se interessa pelo conhecimento fica de lado, isolado, entretanto, não se pensa em estratégias para estimular esse aluno a aprender, enquanto os alunos que apresentam facilidade no processo de aprendizagem ganham toda a atenção do professor sendo que esta ação precisa ser revista, já que aquele aluno no canto isolado e não tem “força de vontade de aprender a ler e a escrever” é o que realmente estão precisando de atenção e incentivo, e no fim do ano o mesmo acaba conseguindo a aprovação e cabe ao professor de português, ser o instigador do conhecimento, alfabetizar esse aluno para que nas próximas séries ele possa avançar sem problemas. De acordo com Pereira (2017, p.169-170):

O fato de saber ler não indica fazer parte do mundo da escrita. Ler e escrever são processos diferentes, que requerem aprendizagens distintas. A noção de letramento ultrapassa o conhecimento alfabético e da representação da língua nesse sistema: ela corresponde à inserção naquele universo, no léxico e nas duas modalidades discursivas. Ao considerarmos que a escrita e a leitura permeiam nossa vida em toda a nossa existência e que, ao fazer uso delas nos diferentes contextos, nas práticas sociais do nosso dia a dia, podemos entender isso como forma de letramento, ou seja, adotamos o termo letramento para indicar o uso que fazemos da leitura e da escrita em nossa sociedade.

Entretanto, esses alunos acabam chegando ao ensino médio com dificuldade de ler e escrever, pois, não teve o hábito estimulado da leitura e da escrita nem em casa e, nem na escola, o professor acaba se preocupado em repassar conteúdo do que saber o que realmente o seu aluno aprendeu e já traz um texto pronto de casa e pede para ele interpretar, sendo que assim como nas séries iniciais o professor deveria inovar no ensino fundamental e médio levando músicas tanto para ouvir como para ler aos alunos, fazendo um trabalho em cima dessa dinâmica a aula não se tornaria chata e repetitiva. Pois, incentivar a leitura é importante

num país castigado pelo analfabetismo, projetos de incentivo à leitura são muito mais quem bem-vindo, e é fundamental priorizar a escrita e a fala.

1.2. Alfabetização e Letramento na formação do leitor

O letramento é considerado um mecanismo que se dá ao aluno o sentido e o significado de mundo, durante o percurso de estudos de teóricos, aprendemos que a palavra letramento é nova no meio educacional, através do conhecimento que se tem acerca do processo de aprendizagem dos alunos, ainda se percebe certo equívoco em relação à alfabetização e letramento, pois, necessita compreender que há diferença entre ambos, trazendo consigo a definição do que é letramento que exige certa habilidade e competência. Como ressalta Magda Soares, “Letramento, é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80, há cerca de apenas dez anos, portanto, que ela surge no discurso dos especialistas dessas áreas.” (SOARES.2009, p.15).

Portanto, acreditamos que a palavra letramento só passar surgir no discurso dos especialistas e o meio educacional devido à necessidade de classifica uma nova classe do sistema de escrita alfabética, pois antigamente eram apenas duas classes, alfabetizados (aqueles que sabiam ler e escrever) e analfabetos (aqueles que não sabiam ler e escrever). E hoje em dia não só devemos aprender ler e escrever, mais devemos saber usar os mesmos, na prática, a exemplo disso presenciamos a ausência da interpretação textual, saber ler e escrever, vai muito além do que conhecer o alfabeto e juntar sílabas para ler uma palavra, há a necessidade de ter o entendimento segundo as demandas sociais, um ser letrado é divergente de um ser alfabetizado. Conforme Soares, 2009, p.20):

“... o termo analfabetismo nos bastava, o seu oposto-alfabetismo ou letramento-não nos era necessário. Só recentemente esse oposto torne-se necessário; por que só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo letramento.”

Entretanto, o letramento visa compreendermos as manifestações do objeto da linguagem através do seu campo de atuação, portanto, não é apenas quando adquire o sistema da escrita que é a comunicação por símbolo, mas sim quando passo a utilizá-la em meu dia a dia, tanto repassando quanto adquirindo algum tipo de conhecimento, apropriando-se do sistema de escrita alfabética. “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de

aprender a ler e a escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES,2009, p.18). Através da prática do uso dos gêneros narrativos utilizando a leitura e a escrita nas aulas de Língua Portuguesa, o professor pode explorar o campo da linguística com os estudos da: morfologia, fonética e sintaxe, o professor tem a oportunidade de construir com o seu aluno o conhecimento sobre o contexto das práticas sociais. O letramento de acordo com Mortatti (2004, p. 98):

Está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

Entretanto, se faz necessário conceituar um aluno alfabetizado de um aluno letrado para que o professor possa avaliar o discente conforme as habilidades desenvolvidas em relação ao seu processo de leitura e escrita, pois percebe-se que muitos alunos em sua fase escolar, chega ao ensino fundamental maior ou até mesmo ao ensino médio sem ter habilidade adequada da leitura e escrita, verificando a presença de escritas erradas de determinadas palavras e leitura silabada o que infelizmente é uma realidade das escolas brasileiras e que através das políticas públicas esse cenário tende a mudar. Segundo Soares (2010, p.44):

o letramento é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim, letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita.

É fundamental que o professor utilize estratégias para possibilitar aos alunos a construção da aprendizagem conforme a sua etapa de ensino para não ter lacuna durante o percurso da sua vida escolar, pois, com a criação da Base Nacional Comum Curricular tentasse orientar as ações pedagógicas que devem ser trabalhados em cada fase escolar, com ênfase para o letramento.

2. LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DA BNCC

O ensino de língua portuguesa tem se apresentado como um desafio no ambiente de sala de aula, principalmente para alunos de 6º ano do ensino fundamental, que apresentam uma trajetória educacional sem estrutura adequada na compressão de leitura e escrita, o que

comprometendo as habilidades de interpretação de texto simples. Esse desafio se acentuou no período pandêmico em que se constatou, através dos dados do Instituto Nacional de Pesquisa (INEP), que muitos alunos não desenvolveram habilidades práticas voltadas para leitura e escrita o que faz com que o professor busque alternativa que apresente resultado imediato para diminuir as problemáticas apresentadas na aprendizagem desses alunos, entretanto, trazer para o ambiente escolar metodologias que desperte o interesse pelo ensino da disciplina de português é fundamental, entretanto, o professor terá êxito em sua didática se agregar ao planejamento pedagógico, o conhecimento do senso comum do aluno, como forma de facilitar a compreensão dos conteúdos abordados em sala de aula.

A Base Nacional Comum Curricular –BNCC, surgiu com o propósito de igualar a educação, enquanto garante aos alunos o acesso ao mesmo conteúdo nas escolas de todo o país, é importante evidenciar que a Base visa apresentar os conhecimentos fundamentais que se espera que o estudante aprenda em cada ano da Educação Básica, mas é importante pontuar que a BNCC não é uma grade curricular, ela serve apenas para orientar os professores a alcançar o objetivo de progredir as múltiplas aprendizagens dos alunos, articulando o trabalho com as experiências anteriores adquiridas por eles. Segundo Nolasco (2017, p.36):

A relação entre aprendizagem e fracasso escolar apresenta-se como um grande desafio nesse segmento, haja vista que essa nova estruturação curricular prevê, também, uma nova forma de avaliação, pois cada professor adota uma forma de avaliar. Isso acaba confundindo ainda mais os egressos do 5º ano que estavam acostumados a uma estrutura completamente diferente, com um único docente, que adotava sempre o mesmo processo avaliativo para todos os conteúdos.

A educação brasileira tem atualmente como normativa para a construção de um processo de ensino aprendizagem a base Nacional Comum Curricular que apresenta dez competências a serem trabalhadas no ambiente escolar. Sendo que ela não deve ser considerada um instrumento único para o professor planejar suas atividades, ela deve orientar para que eles consigam alcançar o objetivo comum que é o ensino de qualidade, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC em Língua Portuguesa enfatiza às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses).

A aula de Português deve proporcionar para o aluno a capacidade de desenvolver sua prática de linguagem conforme o campo de atuação. De acordo com Brasil (2018, p.86):

Considerando esses pressupostos, e em articulação com as competências gerais da Educação Básica e com as competências específicas da área de Linguagens, o componente curricular de Língua Portuguesa deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências específicas. Vale ainda destacar que tais competências perpassam todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental e são essenciais para a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania.

Segundo a BNCC no componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros narrativos relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências. Segundo a BNCC (2018) os alunos devem desenvolver as habilidades e competências conforme os eixos temáticos que devem ser vistos em sala de aula como:

(EF67LP27). Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos. (Pág.169)

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e considerando características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (Pág.169)

(EF67LP29). Identificar, em texto dramático, personagem, ato, cena, fala e indicações cênicas e a organização do texto: enredo, conflitos, ideias principais, pontos de vista, universos de referência. (Pág.169)

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de

fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto. (Pág.171)

Com as orientações que a BNCC proporciona para o professor, através dos códigos a serem trabalhados em sala de aula, o aluno terá a possibilidade de desenvolver a leitura e a escrita conforme a modalidade de ensino, sendo que no 6º ano de ensino fundamental é importante que ele já tenha constituído uma estrutura sólida em relação a ler e escrever.

3. BREVE RELATO SOBRE GÊNEROS E OS SUBGÊNEROS NARRATIVOS

O gênero narrativo evoluiu a partir dos poemas epopeias com narrativas em forma de versos e com sua origem na Europa, tendo como finalidade descrever fatos históricos de personagens heroicos e suas aventuras, como exemplo a história de Ilídia e a Odisseia de Homero, figuras conhecidas na Grécia. Entretanto, é importante fazer um breve parágrafo sobre a compreensão de gêneros textuais e tipos de textos, sendo que os gêneros textuais são estruturas particulares que se formam a partir dos diferentes tipos de textos e dando formas a eles e assim assumindo um padrão. As características e classificações dos gêneros textuais identifica-se pelo cumprimento de sua função na comunicação possibilitando distinguir entre si.

Em se tratando da tipologia textual, sua classificação se dará pela sua finalidade e estrutura do texto que tem por função a especificidade de exposição e comunicação. Classificado em:

- Texto dissertativo
- Texto expositivo
- Texto narrativo
- Texto descritivo
- Texto injuntivo

Sendo foco de pesquisa do trabalho, o texto narrativo utilizado como método de ensino para o processo de leitura e escrita, por possibilitar o desenvolvimento do aluno, a partir do conhecimento da narração de história relacionada as mais variadas contextualizações de personagens, presente nos gêneros: novela, romance, contos, fábulas, etc. Segundo Jerônimo e Hubner (2014, p.412):

Os primeiros estudos sobre narrativa surgiram na Grécia antiga, a partir da Poética De Aristóteles (1992), em torno de 335 a.C. Desde essa época, diversos pesquisadores vêm abordando a estrutura narrativa. No entanto, para uma melhor compreensão do que seja um texto narrativo, é oportuno que, num primeiro momento, estabeleçamos o que entendemos por texto e discurso, bem como por tipo e gênero textual.

O estilo narrativo que se originou do épico na antiguidade, ganhou consolidação enquanto gênero com Platão e Aristóteles. Para esses filósofos, o gênero narrativo era dividido em lírico, dramático e épico, para de imitar a realidade. De acordo com Rezende e Souza (2018, p.150):

Os gêneros narrativos que diferenciam as obras literárias (fantástico, aventura, lenda etc.) não são problematizados em relação à extensão e diferenciação estrutural dos textos do romance, da novela e do conto. Assim, pode-se verificar que a narrativa desenvolvida na escola acaba por constituir-se em um gênero particular que se define muito mais pelas condições de produção — tempo de trabalho e possibilidade de leitura do professor — do que pelas exigências estruturais do gênero narrativo estudado.

A narração era a forma essencial deste tipo literário. Entretanto, o narrador deve manter-se afastado dos fatos narrados em uma narrativa em forma de versos, esse tipo de gênero se faz presente em: Atas, notícias, peças de teatro, romances, novelas (literárias, de rádio e TV), contos, contos de fadas, fábulas, apólogos, parábolas, mitos, lendas, anedotas, piadas, fofoca, caso, biografia, epopeia, poema heroico, poema burlesco, etc. Segundo Rezin (2010, p.13):

Embora com tantas transformações, sofridas desde a Antiguidade greco-latina, os gêneros literários ainda existem até os dias atuais. Modificados, imiscuídos e renovados, a base de classificação remonta ainda a Aristóteles: épico, lírico e dramático. No gênero épico, a poesia é narrativa e estruturada em longos fluxos de versos que, por sua vez, são recitados ao público. “Segundo o seu primeiro teorizador, Aristóteles, a poesia épica devia ser constituída por uma ação inteira, com princípio, meio e fim” (COELHO, 1980, p. 37). No épico, o poeta deve imitar as ações nas personagens de maneira tal que crie o verossímil.

Para melhor esclarecimento dos textos narrativos se faz necessário compreender que ela faz parte do gênero literário, na concepção de Aristóteles, a literatura é dividida em 3 gêneros: o épico (ou narrativo), o dramático e o lírico. De acordo com Marcuschi (2005, p. 23):

Em geral os gêneros desenvolveram-se de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias, como o telefone, o rádio, a televisão e a internet. Um gênero dá origem a outros e assim se consolidam novas formas de acordo com as atividades que vão surgindo.

Na classificação literária temos seis categorias: a lenda, o mito, a história, o romance, relato e a fábula, diferentes na construção textual sendo que: gêneros narrativos: a lenda, muito presente na cultura da Amazônia, é uma forma de narração que surge principalmente da tradição oral, por meio da qual são contados eventos de seres humanos ou sobrenaturais. Segundo Oliveira e Santos (2017, p. 390):

O crescimento desse gênero narrativo foi gradativo e teve maior influência por intermédio dos contos e novelas de terror que engrandeceram uma geração, tendo muitos autores sido conhecidos mundialmente por seu trabalho e que serviram de inspiração para escritores fantásticos de anos à frente. Na Europa, não poderia passar em branco o papel de Friedrich Heinrich Karl, cujas obras repercutiram em diversos continentes e foram reescritas e divulgadas por outros milhões que seguiram a linha do sobrenatural e do gótico.

Outro destaque para obras narrativas são os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm que utilizavam de memórias populares, lendas conservadas por tradição oral, no município de Abaetetuba a lenda da “Cobra grande” e “Poço da Moça” são exemplos típicos dessa categoria, entretanto, se conta uma história real ou fictícia que inclui uma série de aspectos maravilhosos que se tornam um reflexo do folclore da região e perpetuando a cultura de uma comunidade nesse sentido, é definida como uma narrativa popular transmitida oralmente e por escrito.

Um dos gêneros narrativos que surge para explicar para as pessoas, vários dos fenômenos misteriosos do universo é o Mito (como o que se percebe na construção da narrativa de Macunaíma, herói sem nenhum caráter, Mario de Andrade, a Grande obra literária do Modernismo) os quais são um reflexo da visão de mundo de uma figura em que as crenças que o constituem podem ser identificadas, fornecendo explicações sobre a origem do mundo, a ascensão dos deuses e suas relações com a terra e a humanidade (Cerqueira, 2021).

A história que compõe para a estrutura de um gênero narrativo é capaz de gerar um tipo de emoção no leitor, considerado um dos gêneros narrativos mais relevantes e transmitidos já que narra um acontecimento, contando eventos imaginários ou reais, com enredo de fácil compreensão para o leitor e inclui poucos personagens. Além disso, possui diferentes formatos de acordo com seu tema e extensão. De acordo com Lima (2016, p.137):

os gêneros são reconhecíveis por suas funções e, sem dúvida, desempenham um importante papel na poesia e na literatura latina clássica de modo geral, no entanto, os poetas demonstram a flutuabilidade dessas funções nos processos compositivos, a dominante²⁴⁷, inclusive, podendo ser a substituição de funções secundárias que ordinariamente ancoram o texto em determinado gênero.

Outro gênero narrativo que é bastante conhecido é o “Romance” que é caracterizado por ser um enredo mais difícil do que a história e mais extenso, sendo um texto literário escrito em prosa, narrados com eventos reais ou fictícios, sua trama está quase sempre relacionada à extensão temporal, onde os eventos que acontecem são sujeitos à medida que se prolongam no tempo da história.

No gênero narrativo: relato, é geralmente caracterizado pela presença de emoções e sentimentos, apresenta-se como um texto pessoal e que tem como principal característica a narração de fatos ou acontecimentos pessoais e subjetivos. Esse tipo de gênero é trabalhado nas aulas de língua portuguesa visando despertar no aluno a habilidade de produção de texto subjetivo, entretanto, quando o professor solicita do aluno que relate algo sobre um determinado assunto, o mesmo deve produzir um relato pessoal, pois, sua característica está baseada na predominância de texto narrativo em que se relata as experiências e vivências a uma outra pessoa. Segundo Oliveira (2010, p. 147-148):

O professor poderá propor um programa de leituras, para ser trabalhado durante determinado tempo, que pode se desenvolver através de crônicas, textos curtos, poesias, fábulas, romances, novelas. Contudo, pensamos ser importante que esse programa seja discutido com os alunos privilegiando a participação/interação nesse processo.

E a última categoria de subgênero narrativo é a Fábula que é uma expressão que surge da literatura oral e se caracteriza pela categoria de caracteres que utiliza, já que em muitos casos correspondem a animais com características humanas, contando histórias que são fruto da imaginação e permite o conhecimento das tradições de um povo, apresenta um aspecto pedagógico, entretanto, muitos professores fazem uso desse tipo de gênero narrativo em suas aulas de língua portuguesa, já que proporciona aprendizagens relacionadas à moralidade.

3.1. Trabalhando os gêneros narrativos

Os gêneros narrativos podem ser trabalhados em sala de aula com a finalidade de desenvolver a prática da leitura e escrita, onde o professor pode explorar através dessa metodologia a capacidade do aluno de identificar em um texto, elementos principais de uma narrativa e partindo dessa análise pontuar o tipo de subgênero do gênero narrativo que o texto foi construído.

Em sala de aula o professor pode solicitar que o aluno construa um texto voltado para o gênero narrativo: lenda, conhecido por muitos alunos da rede Municipal de Educação de

Abaetetuba, que conhece alguma história contada por gerações e que identifica a cultura popular. Partindo dessa perspectiva o interesse em conhecer a estrutura de um texto em que são familiarizados contribuirá para o processo de ensino-aprendizagem, mas ressaltando a importância de relacionar o texto com a gramática.

Contudo, as atividades voltadas para a “lenda” terão como objetivos compreender como identificar os tipos de narradores, os elementos de uma narrativa, além de estudar sobre o foco narrativo, conforme a produção textual do aluno caberá ao professor com base nas dificuldades constatadas nas produções iniciais, revisar com os alunos os sinais de pontuação, apresentando sua funcionalidade e empregabilidade no contexto da produção escrita. Sendo assim, será considerado satisfatório se os alunos gradativamente fizerem uso correto dos sinais em suas produções escritas, reforçado a importância dos gêneros narrativos nas aulas de português.

O professor pode trabalhar com a criação de um conto, de uma poesia ou até mesmo recriar mitos contados por gerações e em seguida solicitar que os alunos realizem a apresentação do trabalho construindo, possibilitando a eles habilidades na escrita e desenvoltura na leitura. E com esse suporte trabalhar a parte gramatical que exige deles a compreensão de pontuação da escrita correta de palavras, aprendem de fato a ler e escrever, inclusive usando a ortografia e a gramática em situações reais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A base da educação sempre estará na ênfase de desenvolver no aluno, habilidades para a leitura e a escrita, deixando claro a necessidade de construir um processo de desenvolvimento sólido destas habilidades para estruturar a formação mínima de conhecimento para que esse aluno não tenha dificuldades de aprendizagem a partir do sexto ano letivo e para isso é preciso levar para a sala de aula metodologia capaz de despertar o interesse do aluno em ser o protagonista de sua aprendizagem.

O gênero narrativo utilizado como método de aprendizagem no 6º ano do ensino fundamental tem relevância na contribuição para a leitura e escrita desses alunos, os resultados obtidos durante toda a trajetória da pesquisa bibliográfica, reforça a importância dos textos narrativos inseridos no planejamento da disciplina de língua portuguesa para a construção do processo de ensino aprendizagem, pois, se compreende que, para que o aluno

seja letrado é fundamental que o professor diversifique suas metodologias buscando trabalhar principalmente com que o aluno já conhece.

É fundamental trabalhar com várias estratégias que possibilite o desenvolvimento da aprendizagem relacionada a leitura e a escrita como: a criação de revista em quadrinhos, roda de conversas, produção de poema, análises diversificadas de leituras capazes de desenvolver a leitura e a escrita do aluno. Verificar em qual das práticas planejada pelo professor são capazes de despertar o interesse do aluno para a escrita e leitura. Não se pode apenas mostrar a ele a obrigatoriedade de ler e sim a importância da prática de leitura no contexto social. Assim, contextualizar o ensino através do que o aluno já conhece seria uma alternativa para que ele se sinta atraído pelo processo de ensino e que cabe ao professor ser o mediador do conhecimento.

Com a pesquisa se propõe aprofundar sobre a importância dos gêneros narrativos envolvendo sua classificação, função e contribuição para o ensino do aluno de modo diversificado, mas voltado para o que desperta o interesse dele, portanto, na educação é importante valorizar o contexto social em que o aluno está inserido e foi o que a pesquisa procurou mostrar, que através dos textos narrativos a compreensão dos alunos em relação à escrita correta das palavras, no que se refere a troca de letras com palavras que apresentam sons semelhantes, muito comum em turma do 6º ano. e em relação à leitura, onde há alunos que apesar do ano que se encontra ainda realiza leitura silabada, por não ter sido trabalhado adequadamente nos anos anteriores, sendo fundamental que o professor diminua essa lacuna e que através dos gêneros narrativos é possível realizar atividades com o propósito de estruturar a leitura e escrita desses alunos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia Martins de Oliveira. ARENA, Adriana Pastorello Buim. A origem da escrita e a diferença entre fala e escrita: por que ensinar esse conteúdo para crianças não alfabetizadas. **Revista Brasileira de Alfabetização** [Recurso eletrônico] / Associação Brasileira de Alfabetização. v.1, n.9 (jan. /jun. 2019) – Belo Horizonte: ABAIf., 2019.
- ANTUNES, Márcia Irande. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009
- BARBOSA, J.J. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1992
- _____. Alfabetização e leitura. **Cadernos de Pesquisa**, n. 75, p. 87, 2013
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira** – Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Editora Saraiva.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular (BNCC)**. Brasília: MEC 2018.
Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>Acesso em: agosto. 2022
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Leitura e política**. In EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. 2006.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CERQUEIRA, C. (2021). “Macunaíma – o herói sem nenhum caráter” - obra basilar brasileira segundo o olhar português. E- **Revista De Estudos Interculturais**, (1).
<https://doi.org/10.34630/erei.vi1.3846>
- FAZENDA, I. C. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 2001
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14) 104 p.
- JERÔNIMO, Gislane Machado; HÜBNER, Lilian Cristine. **Abordagem neurolinguística do texto narrativo: um Enfoque teórico**. Linguagem em (Dis) curso – Lemd, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 411-429, maio/ago. 2014.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. 2. ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.
- KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor**. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai-IDEAU. **Revista de Educação IDEAU**. Vol. 10, nº 22. Julho-dezembro 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. In: KARWOSKI, Acir Mário. ET. A. (Org.). Palmas e União da Vitória: Kayagangue, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: MACHADO, A. R.; DIONÍSIO, A.; BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola, 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

NOLASCO, Gilcimar Cordeiro da Silva. **Os desafios de alfabetizar os alunos do 6º ano do ensino fundamental**. Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAED. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. P. 87. 2017.

OLIVEIRA, Mirielen da Silva. SANTOS, Luciane Alves. **Um Tesouro Em Descoberta: Amândio Sobral**. Encontro de Letras do Litoral Norte da Paraíba (01.: 2017: Mamanguape, PB). Anais do I Encontro de Letras do Litoral Norte da Paraíba - Língua, literatura e ensino: diálogos necessários, de 10 a 12 de maio de 2017 / Organizadores: Erivaldo Pereira do Nascimento, Laurênia Souto Sales, Luciane Alves Santos. - João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. 729 p.

OLIVEIRA, Florêncio caladas de. **O ensino de literatura na perspectiva dos gêneros literários: uma proposta de trabalho**. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. 2010

PEREIRA, Odete Aléssio. **Metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura- Estudo e ensino**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017. 216 p.

REZENDE, Neide Luiza de. SOUZA, Maria Celeste de. **Do ensino escolar da escrita de textos narrativos**. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 31, n. 2, p. 143-158, maio-ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v31i2p143-158>. Acessado em 15 de ago de 2022.

REZIN, Daiane Aparecida Boza. **Uma abordagem dos gêneros literários no livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental: contribuições para a formação de leitores**. Universidade do extremo Sul Catarinense – UNESC Pós-Graduação em língua e literatura com ênfase nos gêneros do discurso. 2010.

SOARES. M. **LETRAMENTO – um tema em três gêneros**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 128p.

TOLEDO César de Alencar Arnaut de. GONZAGA, Maria Teresa Claro. **Metodologia e técnicas de pesquisa: nas áreas de Ciências Humanas /**, prefácio Peter Johann Mainka; apresentação Mário Luiz Neves de Azevedo. -- Maringá: Eduem, 2011. 277 p.